

A ESCRITA DE SI COMO TRASNVALORAÇÃO DE TODOS OS VALORES

RESENHA CRÍTICA DO LIVRO: MURICY, Kátia. “*Ecce homo: Autobiografia como gênero filosófico*” Zazie Edições. 2017.

Gustavo Camargo Arantes¹

INTRODUÇÃO

O título do livro bem poderia estar em forma de pergunta: pode a autobiografia ser considerada gênero filosófico? Será a esta pergunta que Katia Muricy responderá, pesando a importância do livro *Ecce homo* para a filosofia de Nietzsche. Exatamente pelo caráter autobiográfico do texto, *Ecce homo* foi muitas vezes desconsiderado pelos estudiosos. Segundo a autora, foi Heidegger quem resgatou o valor filosófico do livro, entendendo-o como o marco final da metafísica do ocidente. Porém, para Kátia, Heidegger, ao pensá-lo desta forma, nega exatamente a dimensão pessoal, isto é, autobiográfica, do texto de Nietzsche, perdendo-se assim sua principal singularidade em nome de um destino do ser. Destacar a importância desta singularidade, isto é, o fato de ser escrito em primeira pessoa - algo raro em filosofia, onde se almeja exatamente o oposto, o universal - como decisiva para toda a filosofia do autor, é a principal tese do livro de Katia, marcando, assim, a incontornável pessoalidade de qualquer texto filosófico. Nada mais nietzschiano.

DESENVOLVIMENTO DOS PRINCIPAIS ARGUMENTOS DO LIVRO

Após essa apresentação, o livro de Kátia Muricy desenvolverá vários argumentos para mostrar com Nietzsche fez da autobiografia um gênero literário adequado de expressão de sua filosofia. De início, autora nos apresenta um breve histórico sobre a própria definição de autobiografia, um debate ainda aceso. Os problemas em questão tratam desde a sinceridade do autor ao escrever sobre sua própria vida até a dificuldade da questão filosófica sobre a (in) possibilidade do conhecimento de si. Mesmo sendo um gênero controverso, ao se analisar a história da filosofia, vê-se que o gênero autobiográfico

¹ Doutor em filosofia (PUC-Rio). Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: gustavonhani@gmail.com

foi usado por vários autores considerados clássicos, dentre eles, Santo Agostinho, Montaigne e Rousseau. Contudo, o livro de Kátia buscará mostrar que o direcionamento do pensamento para dentro de si como validador da verdade, que se inicia com Platão, terá em Nietzsche um significado diferente.

Remonta a Platão o “conhece-te a ti mesmo” como injunção à prática de uma espécie de introspecção epistemológica para que o filósofo possa encontrar, nas ideias, o seu próprio ser. Ou seja, o centro de gravidade da atividade filosófica é a reminiscência: passagem do sensível ao inteligível, e reencontro do filósofo com as ideias eternas imersas em sua memória profunda. Platão abre a via que, interpretada pelo cristianismo, será dominante no pensamento ocidental. A contemplação, o retiro para a interioridade, será, com o cristianismo, não mais uma técnica que visa à aproximação das ideias eternas, mas a busca de uma aproximação de Deus. O “conhece-te a ti mesmo”, assim assimilado, determina em nossa cultura a visão, de resto dominante, da relação consigo como uma forma de introspecção que decifraria o nosso ser mais profundo e, sobre tudo, o julgaria a partir do crivo moral do bem e do mal.²

Neste sentido, em filosofia, desde Platão, nosso interior seria o espaço da verdade, o problema estaria em conhecê-lo. Contudo, argumenta-se com razão que, neste caso, não se trataria de uma autobiografia, pois o mundo sensível, pessoal, biográfico é exatamente o que é deixado para trás para que se possa acessar o mundo inteligível e imaterial das ideias eternas e universais. Assim também ocorre em Descartes, para quem o “eu” pensante é totalmente independente do corpo. Aí também a vida fátual deve ser deixada de fora da filosofia para que se chegue à primeira certeza, a de que é preciso existir para se poder pensar. Isto porque a existência é pura substância pensante. Desta forma, segundo Kátia, a tradição viu em uma pura racionalidade desprovida de pessoalidade a própria condição da filosofia. Logo, a autobiografia estaria descartada, afinal, qual seria a história de vida do cogito ou do mundo das ideias? Seguindo a linha histórica da filosofia, a pesquisa aponta Hume como alguém que trouxe o frescor cético empirista, apontando para a impossibilidade de uma identidade interior. Neste caso, há multiplicidade e não unidade. Kant, por sua vez, resgata a primazia do interior a partir do sujeito transcendental, não empírico, retirando a vida pessoal da filosofia novamente.

² MURICY, K. “**Ecce homo: a autobiografia como gênero filosófico**”. Zazie Edições. 2017. Págs. 11 e 12.

Nesta *démarche*, lemos em Nietzsche que a filosofia é a confissão pessoal de seu autor.³ Contudo, longe de retornarmos à metafísica do sujeito, cristão ou platônico, nesta confissão não se trata de um substrato “eu”, livre para agir ou não conforme sua própria deliberação racional. O livro desenvolve esta argumentação mostrando que, para Nietzsche, não há algo tipo um sujeito ou substância por trás de quem somos. Somos desde já e imediatamente o “sujeito”. Além disso, esse sujeito é um conjunto de desejos, paixões e impulsos, isto é, de afetos⁴ que brigam entre si. Somos o resultado e não a causa dos mesmos. O próprio pensamento é um impulso e um afeto que opera na mesma lógica, pois pensar nada mais é do que o jogo dos afetos entre si.⁵ Desta forma, a conclusão original de Kátia é que a autobiografia, na medida em que é um relato dessa guerra interna e a apresentação de seu resultado, pode sim ser considerada um gênero filosófico. Sendo a filosofia a forma de expressão de um regime de afetos que, em última análise, é a própria vida.

A escrita de Nietzsche é conhecida exatamente pela fuga ao formato tradicional de escrita filosófica, seja dos sistemas, tratados ou mesmo da construção linear de uma argumentação. Ao contrário, Nietzsche escreve majoritariamente em aforismos, pequenos parágrafos que encerram em si mesmos um sentido; o *Zaratustra* é uma fábula; seus conceitos são, em geral, metáforas: morte de deus, super-homem, vontade de potência, espírito livre, moral de senhor e de escravo, etc. Se, como diz em *Além do bem e do mal*, nada é impessoal na escrita de um filósofo⁶, a autora problematiza se não seria, pois, a autobiografia o gênero filosófico ideal?

Retomando a tradição da filosofia como relação consigo mesmo, Nietzsche a libera do caráter moral característico da introspecção cristã. Nem epistemologia, nem moral: não se trata de conhecer – e menos ainda de julgar –, mas de inventariar e transformar a própria vida na reflexão. O *Ecce homo* salva a tradição do pensamento helenístico, a filosofia dos estoicos e epicuristas que desenvolvera as técnicas do cuidado de si, entre as quais a escrita teve um papel decisivo.⁷

Neste ponto, a autora recorrerá aos escritos de Foucault sobre o cuidado de si para pensar a questão. Ao falar de Plutarco, Foucault mostra como “a escrita é um exercício do

³ NIETZSCHE, F. “*Além do bem e do mal*”. §6. Pág. 13.

⁴ Ibid. §36. Pág. 42.

⁵ Ibid. §36. Pág. 42.

⁶ Ibid. §6. Pág. 14.

⁷ MURICY, K. Op. Cit. Pág. 14

pensamento sobre ele próprio visando a transformação do escritor. Essa compreensão está presente nas intenções do *Ecce homo* e esclarece o seu alcance filosófico”⁸. Referindo-se a Sêneca, entende que “(...) não há revelação de uma interioridade, mas constituição de si a partir do exterior”.⁹ Ou seja, não se trata de voltar-se para seu interior e lá encontrar uma verdade existente desde sempre. Ao contrário do “conhece-te a ti mesmo”, o “tornar-se quem se é”, subtítulo de *Ecce Homo*, apresenta a força da vida material, pessoal, como constituinte do discurso filosófico.

São, antes de tudo, uma construção filosófica na qual a escrita de si pretende transfigurar a forma tradicional da autobiografia para evidenciar um pensamento em que a unicidade do eu, a noção de ser, o dualismo corpo e alma são contestados no paradoxo de seus próprios termos.¹⁰

A escrita autobiográfica precisou ser negada pela tradição filosófica. Somente assim foi possível produzir a ideia de identidade e estabilidade do sujeito consigo mesmo. Tratados universalistas se opõem ao fluxo do vir a ser da vida material. A busca pelo imaterial imutável da razão clássica precisa negar a concretude da experiência de viver. Neste contexto, a autobiografia aparece como gênero filosófico ideal para este filósofo crítico da metafísica ocidental, anunciador da morte de deus e do niilismo e que nos aponta o espírito livre como vida filosófica. O livro de Kátia nos faz notar que, se a autobiografia transcreve a vida privada, Nietzsche faz esse caminho de forma a desconstruí-la ao mesmo tempo, pois não escreve em nome de um eu interior, mas desfazendo a própria privacidade da vida, na medida em que esta é construída por aquilo que nos afeta de fora. Trata-se da explosão da identidade na autobiografia, pois a vida é nosso mundo de afetos e paixões, é vontade de potência, caos.¹¹

Kátia Muricy conclui que, se a autobiografia é o gênero derradeiro da filosofia de Nietzsche, isto acontece pois é o estilo no qual se pode apresentar a transvaloração de todos os valores. “A transvaloração é uma ação, uma declaração de guerra do pensamento-homem-dinamite, que quer explodir o solo metafísico e niilista do Ocidente, decorrente de um sistema de valores fundamentado na cisão entre o mundo verdadeiro e o mundo da aparência”.¹² Desta forma, *Ecce homo* marca um divisor na filosofia: o fim da metafísica, o

⁸ Ibid. Pág. 15

⁹ Ibid. Pág. 16

¹⁰ MURICY, K. Op. Cit. Pág. 17.

¹¹ Sobre o caos dentro de si, ver NIETZSCHE, F. “**Assim falou Zaratustra**”, preâmbulo, 5.

¹² MURICY, K. Op. Cit. Pág. 25.

advento do niilismo e a sua superação por um super-homem, um espírito livre. *Ecce homo*, eis o homem. É Pilatos quem, isentando-se de julgar Cristo, o entrega ao povo com essa expressão. Nietzsche, que já escrevera o Anticristo, se entrega ao mundo com a missão de transvalorar todos os valores ocidentais calcados na divisão ilusória da existência em mundo ideal (verdadeiro) e mundo material (falso). Metafísica platônica apresentada no mito da caverna e que o cristianismo soube aproveitar para si, substituindo o mundo das ideias por Deus e criando uma moral de negação da vida como caminho para uma vida após a morte. Mas Nietzsche é o arauto da morte de deus, conceito que já aparece em *Gaia Ciência*, morte esta que aponta para o niilismo, assim como para o espírito livre.

Assim, o livro interpreta *Ecce homo* como uma experiência. Experiência de viver sua própria proposta filosófica, a transvaloração. Neste sentido, ao reler seus livros e reinterpretá-los, Nietzsche realiza a transvaloração de si mesmo, apontando para as consequências dessa transvaloração no futuro, ao invés de tentar valorizar seu passado, como poderia se esperar de uma autobiografia comum. Tornar-se quem se é (Píndaro) em oposição ao conhece-te a ti mesmo (Platão). “Não se trata de encontrar em si um conhecimento pela via da introspecção epistemológica ou moral. Mas sim de uma construção de si pela visita ao que se era – a memória dos próprios escritos”.¹³ O devir do tornar-se si mesmo não pressupõe um si mesmo desde já estabelecido como sujeito ou ser, tampouco uma meta já definida a ser alcançada. É antes um movimento vital não teleológico e o sujeito que daí devém, muda constantemente. A questão não é o que sou, ou o que fui, mas a organização e hierarquização dos afetos e impulsos em um eu sempre instável. Kátia nos lembra que, para Nietzsche, ter o corpo como fio condutor é o primeiro passo desta hierarquia. O corpo pode ser mais bem pensado do que a alma. E esta, se existe, necessita do corpo. Começar pelo corpo é estabelecer uma hierarquia. Entendendo o corpo como um arranjo provisório de instintos contrários e em luta entre si. O corpo, assim como o “sujeito”, são o resultado da luta e não o princípio unificador. O corpo aparece como uma espécie de campo de batalha dos afetos. Mas é exatamente por ser esse campo, que é dele que devemos partir, pois não nos dá uma substância ou *res extensa*, mas apenas um fio condutor imanente.

¹³ Ibid. Pág. 30.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, vemos que fazer filosofia é dar ser ao devir, é configurar momentaneamente o caos de vontade que se é, imprimindo-lhe um sentido. Tarefa a ser empreendida pela escrita de si, logo, pela autobiografia. A escrita aparece como cuidado de si. É preciso manter-se, cuidar do corpo, para tornar-se quem se é. O que chamamos de razão é apenas uma pequena razão, quando comparada à multiplicidade de impulsos que produzem o corpo. Não é o sujeito quem produz os impulsos, são os impulsos que produzem o corpo, e esta é a grande razão. É essa perspectiva corporal e impulsiva que prepondera muito acima do Ser, da alma, da Razão, do sujeito, que empreende a transvaloração de todos os valores. Transvalorar a metafísica ocidental é dar primazia ao não racional, ao desejo, à paixão, aos impulsos, aos instintos na produção daquilo que se é. A vida não é a razão. Esta é apenas um instrumento por vezes útil. Uma vida racional, como foi a de Sócrates, é uma aberração, um sintoma de uma doença.¹⁴ A doença que acometeu todo o ocidente. A transvaloração implica em viver de outra maneira, sentir de outra maneira, enfim, tornar-se quem se é. Se a filosofia é isso, então a autobiografia faz todo sentido como gênero filosófico. É a escrita de si que pode apresentar aquele que te tornaste. Assim sendo, entendemos que a obra de Kátia Muricy intitulada *“Ecce homo: Autobiografia como gênero filosófico”*, traz uma compreensão original sobre o tema que se propõe a tratar. Chegando a uma conclusão bastante autêntica sobre a filosofia de Nietzsche e uma de suas obras mais controversas. Sua leitura pode ajudar bastante a compreensão do papel deste livro na obra de Nietzsche.

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, F. **“Assim falou Zaratustra”**. Rio de Janeiro. Civilização brasileira. 2003

¹⁴ NIETZSCHE, F. **“Crepúsculo dos ídolos”**. “O problema de Sócrates”. §1 e § 11.

_____. **“Além do bem e do mal”**. São Paulo. Companhia das letras. 2002.

_____. **“Crepúsculo dos ídolos”**. São Paulo. Companhia das letras. 2006.